

A photograph of a woman with a large, voluminous, curly blonde wig. She is wearing a leopard print top and has a bright smile. The background is slightly out of focus, showing what appears to be a doorway or a narrow hallway.

# Finas & Caricatas

O CARNAVAL DO ROMA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS DE PAULINHO GOUVEA

MEMORIAL DA PESQUISA

RENATO TURNES

**Finas & Caricatas: O carnaval do Roma através das memórias de  
Paulinho Gouvêa**

*Projeto de pesquisa em patrimônio imaterial selecionado pelo  
Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura – Edição 2020,  
executado com recursos do Governo do Estado de Santa  
Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura.*

Foto da capa: Acervo Paulinho Gouvêa

Florianópolis

2022



LA VACA  
COMPANHIA DE  
ARTES CÊNICAS



EDITAL  
ELISABETE ANDERLE  
DE ESTÍMULO À CULTURA



Fundação  
Catarinense  
de cultura



GOVERNO DE  
SANTA  
CATARINA

## SUMÁRIO

Finas & Caricatas: Memórias do Carnaval do Roma.....	4
Paulinho Gouvêa.....	8
Ciro Brilhante.....	37
Karla Camuracci .....	78
Ailton Hipólito.....	93
Anexo.....	103

## Finas & Caricatas: Memórias do Carnaval do Roma

O Carnaval é um conjunto de manifestações populares na forma de celebrações que ressignificam elementos lúdicos, míticos, performáticos, cênicos, estéticos e políticos em favor do jogo dionisíaco, da fantasia e da brincadeira, que suspende temporariamente os limites das identidades sociais estáticas estabelecidas no cotidiano.

Desde sempre o Carnaval se apresenta como um campo relevante de empoderamento da comunidade LGBTI+, que transita pelos espaços urbanos com mais liberdade na atmosfera de permissão para o jogo das inversões de papéis sociais e de identidades sexuais que a festa, a princípio, autoriza e valoriza.

Dessa forma, traduzindo nas diversas formas lúdicas da celebração códigos de pertencimento, a comunidade LGBTI+ constrói no espaço do carnaval territórios livres para a expressão de identidades, experiências de *montaria (prática de explorar estéticas socialmente atribuídas ao gênero oposto com fins performáticos)*, proteção coletiva contra a violência da cidade e compartilhamento de afetos.

Investigo e registro as memórias da comunidade LGBTI+ desde 2018, em processo que já resultou no documentário Homens Pink, e na performance de mesmo nome. Nesse percurso encontrei alguns pioneiros do carnaval gay de Florianópolis que me contaram histórias e mostraram seus acervos.

Durante as pesquisas visitei a Casa da Memória de Florianópolis em busca de informações e materiais e fiquei surpreso ao perceber a inexistência de material relativo ao Carnaval do Roma. Percebi também que os mais jovens desconhecem essa história, devido principalmente à inexistência de material informativo sobre o tema disponível na internet, ou mesmo em meios mais tradicionais de acesso à informação.

A história do Carnaval do Roma, fenômeno cultural único e espontâneo de Florianópolis relacionado a esse cruzamento entre carnaval e comunidade LGBTI+, começa a se desenhar no começo dos anos 1970.

Durante um Carnaval, um grupo de amigos gays reunia-se no apartamento de um deles, situado no Centro de Florianópolis, próximo à esquina da Avenida Hercílio Luz com a Rua Fernando Machado. O andar térreo do prédio que ocupava esse ponto era então ocupado pelo Bar Roma, que não se apresentava oficialmente como um ambiente gay, mas era frequentado durante o ano por pessoas diversas, especialmente artistas, jornalistas, funcionários públicos, certamente muitos deles gays e lésbicas, visto que a Avenida Hercílio Luz era, naquele momento, um tradicional ponto de flerte.

Nesse carnaval esse grupo de amigos resolveu vestir-se com trajes femininos para curtir o carnaval no Bar do Roma, maquiados e arrumados com uma produção cuidadosa, “de bonitas”.

Esses foliões diferiam dos homens, geralmente heterossexuais, que frequentavam os tradicionais Blocos de Sujos, que circulavam ao redor da Praça XV, justamente pela elaboração estética das indumentárias e pelo sentido singular das suas presenças performáticas no espaço urbano.

A presença desses homens montados de maneira glamorosa chamou a atenção dos foliões que andavam pelo centro da cidade durante as noites de carnaval. O público se encantava com a estética deslumbrante e o fervo contagiante proporcionado por esses homens, que performavam uma feminilidade elegante, muitas vezes luxuosa, mas também debochada e engraçada. Nos anos seguintes, o território conhecido como Roma começou a atrair outros homens gays que também se montavam, e a festa começou a crescer em tamanho e fama.

De forma espontânea foi surgindo a brincadeira do desfile no meio da multidão, que se aglomerava para ver as performances das finas e das caricatas e eleger pelo voto popular a montada mais bela e a mais engraçada do ano.

Durante os anos 1980, o carnaval de Florianópolis já apresentava outras atrações de frequência marcadamente gay, de alguma forma derivadas e conectadas ao fenômeno popular de rua do Roma. O Baile dos Enxutos, na boate Dizzy, situada na Avenida Beiramar Norte, também exibia um concurso de homens montados, e as festas de Carnaval na Boate Oppium, na Escadaria do Rosário, por exemplo, eram eventos de caráter mais elitizado, mas que completavam o ambiente tolerante que fez a fama nacional do carnaval gay da cidade nos anos seguintes.

Nesse período o carnaval do Roma foi solidificando o status de atração carnavalesca relevante na cidade, transformando a região ao redor do bar em um território de relativa liberdade e diversidade durante o carnaval, onde pessoas que expressavam sexualidades dissidentes, especialmente homens gays e lésbicas, podiam reunir-se para brincar o carnaval de uma forma mais protegida e afetuosa.

O evento começou a atrair não só o público local, mas também a comunidade LGBTI+ de outras cidades do país, que lotavam os hotéis da região para brincar o carnaval no Roma, montados ou desmontados.

A partir de 1987, durante a administração do prefeito Edison Andrino, o Carnaval do Roma passa a fazer parte do calendário oficial da cidade e a ser organizado pela prefeitura, com a construção de estruturas de sonorização, palco de shows e produção oficial do desfile.

No começo dos anos 2000 a festa, totalmente absorvida pelo poder público, ganha o nome de Pop Gay, até ser finalmente transferida de lugar, afastando-se desse território urbano central. O Pop Gay, o baile público LGBTI+ oficial de carnaval de Florianópolis, ainda guarda a tradição do desfile/concurso, como possivelmente o último resquício de sua origem espontânea.

O carnaval do Roma pode, portanto, ser descrito como um evento popular de caráter lúdico e estético, mas também com um forte componente identitário e político que ajudou a definir os rumos posteriores para as relações estabelecidas entre festa,

espaços urbanos e população LGBTI+ na cidade de Florianópolis. São imaginários construídos que se desdobram até mesmo na economia da cidade, que se destaca no cenário nacional como cidade de turismo inclusivo, conseqüentemente acolhendo e explorando o que hoje chamamos *Pink Money*, o capital gerado e posto em circulação pela população LGBTI+.

Florianópolis é hoje conhecida no Brasil como uma capital *gay-friendly* e possui um carnaval famoso por sua diversidade. É contraditório, portanto, que não se reconheça, preserve e divulgue na cidade a memória dos pioneiros desse patrimônio cultural, a maioria já em idade avançada. Eles são testemunhas portadoras de saberes importantes que ajudaram a definir a identidade tolerante e diversa da cidade e a atrair a atenção do Brasil para isso.

Em um esforço para recuperar e registrar essas memórias pioneiras e procurando evitar seu apagamento, buscamos protagonistas dos primeiros anos do Carnaval do Roma, com ênfase naqueles que se montavam, realizamos entrevistas e digitalizamos acervos de fotos aqui disponibilizadas. São eles: Paulinho Gouvêa, Ciro Brilhante, Karla Camuracci e Ailton Hipólito.

O presente memorial, bem como os arquivos fotográficos e as entrevistas em vídeo e suas legendas, ficarão disponíveis na Casa da Memória de Florianópolis para o acesso do público em geral e de artistas e pesquisadores interessados em desenvolver projetos sobre o tema.

A utilização deste material para outros fins apenas pode ser feita com a autorização das pessoas entrevistadas, através da formalização da cessão de uso de suas imagens.

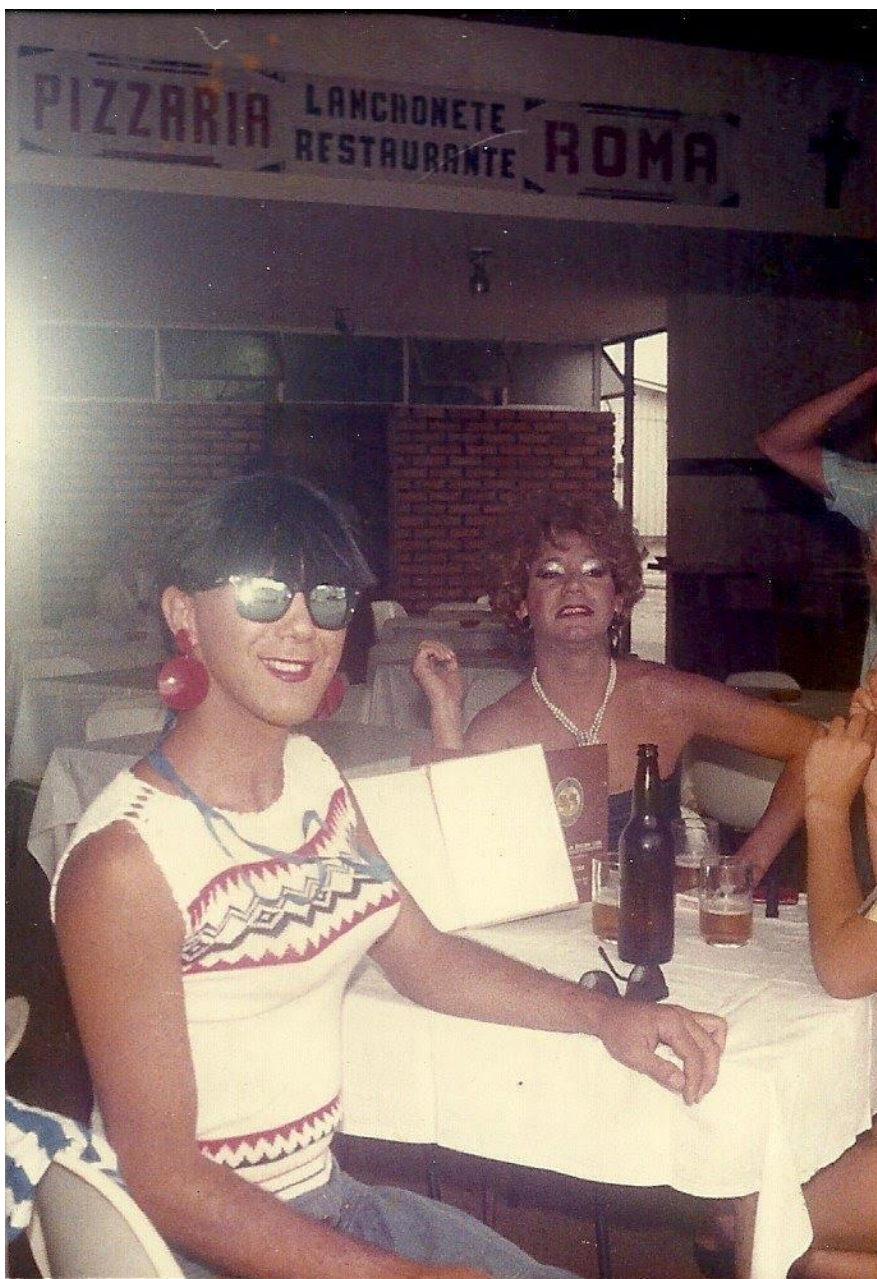
Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



*Eu morava na Hercílio Luz, em cima do Roma, aonde era o bar Roma, e ali era ponto de michê. Os meninos de programa passavam pela Hercílio Luz e passavam em frente ao bar, porque as bichinhas mais poderosas, que tinham dinheiro, estavam bebendo ali. Era um bar bem eclético assim, tinha músico, tinha jornalista...No Carnaval a gente ia pra lá. Um dia nós descemos vestidos de mulher, aí o povo passava de carro e dizia: - Viado! Filha-da-puta! E nós: - Ê, que legal! Porque era viado mesmo.*



Paulinho (ao fundo) e Moacir numa tarde de carnaval no Roma. Acervo Paulinho Gouvêa.

*Aí na primeira noite foram 10, na segunda noite foram 15, na terceira noite estava cheio, e assim foi um Carnaval maravilhoso!*

*Era eu, Vivi, o Pedro, o Caio, o Ciro, depois o João, que já morreu. Tinha uma turma grande... o Zeca, o Moacir, era grande a turma.*



Vivi e Paulinho, curtindo o carnaval desmontados. Acervo Paulinho Gouvêa.

*Aí, no outro ano, nós já programávamos pra ir, porque a gente sabia que tinha sido legal, aí a gente ia de novo. Aí o dono do bar botou o som dele, duas caixas, em cima da marquise, pras bichas dançarem. Então ele botava o som, a gente dançava, ficava a madrugada inteira, e assim aquilo foi crescendo tanto que chegou ao ponto de a polícia interditar aquela passagem ali, pra gente ficar ali.*



Acervo Paulinho Gouvêa.

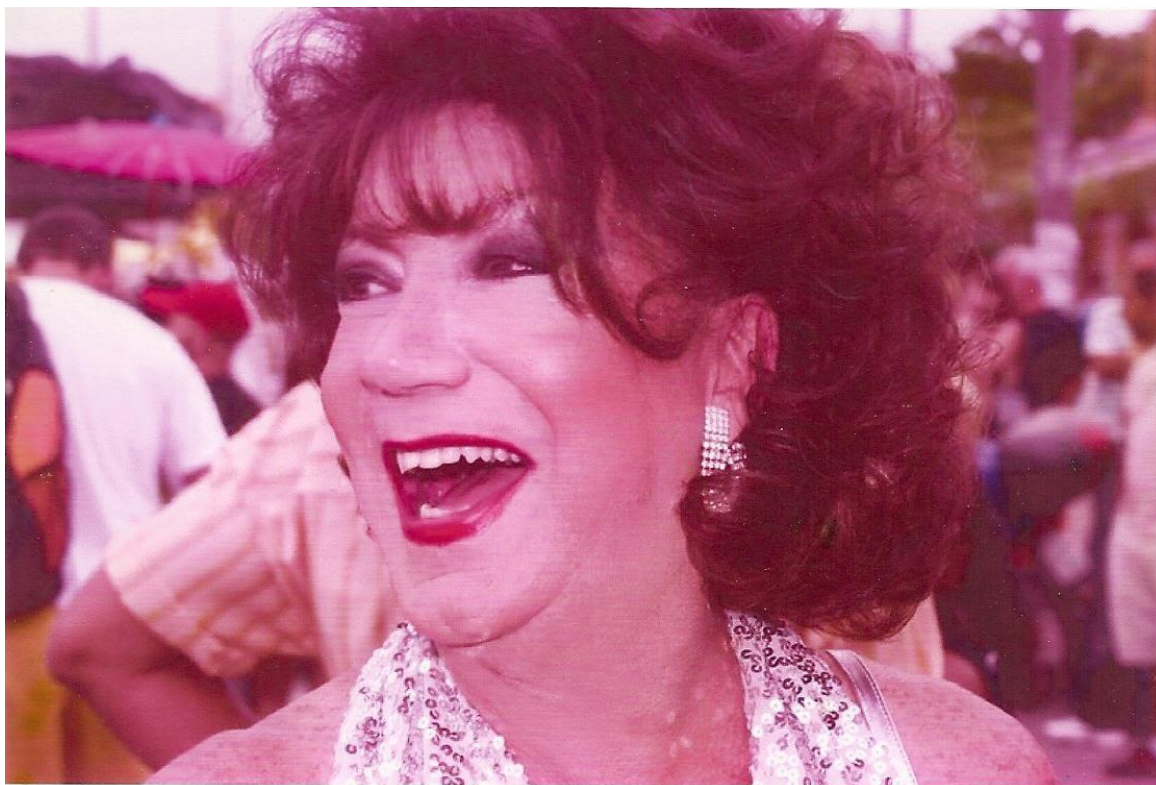
*Os desfiles começaram conosco. As bichas, a gente, elas vinham desfilando no meio do povo e o povo abria, naturalmente abria aquele caminho e elas passavam. Passavam pra lá, passavam pra cá, 80 vezes, se deixasse tinha até hoje bicha passando, porque elas não querem parar.*



Acervo Paulinho Gouvêa.

*Bêbado, eu bebia pra cacete. Eu me lembro que eu estava bebendo lá no meio do Roma, dançando, aí um gaúcho me deu um boá, trouxe pra mim de presente, de pena de galinha, mas galinha pobre. Mas era branco, bastante pena assim. Eu dançando lá no meio do Roma, com aquela coisa de galinha branca e aquelas penas já foram saindo tudo e eu estava só com um cordão quase me enforcando, com dois malhinhos de pena do lado. Daí eu vi que todo o mundo saiu e eu continuei dançando no meio, aí mesmo que eu achei ótimo porque o palco era pra mim, estava só pra mim. E as minhas amigas do outro lado, as bichinhas, faziam assim “Sai! Vem!”, e eu achava que elas estavam me*

*abanando e eu abanando e tal, quando eu fui ver teve um tiroteio ali no meio, brigaram, se mataram. Eu acho que até eu fazia assim ó, pra bala passar, não sei, porque eu não sabia o quê que era, se era alegoria, se era festa! Mas eu não vi nada! Sei que teve, porque depois todo o mundo falou, mas eu...*



Acervo Paulinho Gouvêa.

[Renato Turnes]: A vilã da novela!



*É verdade, eu saía assim à tarde no meio dos homens e eles ficavam enlouquecidos, as mulheres ficavam loucas, porque era muito chique! Acervo Paulinho Gouvêa.*



*Essa aqui é metade preta, metade branca. A gente se montava de bonita, gastava dinheiro, era com estilista, tenho minhas roupas até hoje aí. Acervo Paulinho Gouvêa.*



*Esse daqui quando eu fiz 15 anos GAY! O sapato era branco de bolinhas e tinha um bolerozinho ainda, sabe daqueles bolerozinhos, né? Que é pra tapar um pouco dos seios assim. E do ombro! Acervo Paulinho Gouvêa.*

*Nossa turma, a metade morreu, a metade está com Alzheimer e a outra está num asilo. Sobrou eu e mais quatro, quer dizer, eu vou sair na rua agora, como? Naturalmente as coisas todas na vida têm um começo, um meio e um fim. Não foi novidade nenhuma, eu digo sempre pra quem malha o pau... “Ah, porque a nossa época, a nossa época”, a época nossa é sempre essa atual. A tua é essa, então essa é a melhor. A minha foi aquela, foi a melhor. E assim vai ser até o fim da vida. A melhor época é a que a gente vive.*





Vivi e Paulinho, Carnaval na Boate Oppium. Acervo Paulinho Gouvêa.

*Esse foi dos últimos carnavais que a gente foi. Nós ficamos hospedados no Ivoram. Porque era legal se hospedar no Ivoram, pra descer do hotel, toda hora sobe, bota uma roupa, sobe, desce, sobe, desce. Levei 500 roupas, 500 perucas, era toda hora subindo e descendo, subindo e descendo. A maquiagem de viado é permanente, a gente bota um laquê e não sai mais.*



Fervo no Hotel Ivoram. Frames do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)



Fervo no Hotel Ivoram. Frames do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin(1997)

*Eu andava com uma peruquinha bem feia. Aí fomos lá pro Helinho se arrumar. A Hélia me arrumou, me encheu de maquiagem, com brilho, com isso, com aquilo... e elas botando coisa em mim, daí pegaram um turbante e começaram a amarrar na minha cabeça. Só que elas, loucas, quando foram botar o turbante torceram a minha orelha, e elas rindo, elas doidas, e amarravam, amarravam, e eu já estava puxado, não escutava, não via direito, porque estava puxando. A Vivi veio com um maço de rabo de galo, com aqueles arames, e enfiava aqueles arames assim, eu digo que o sangue escorria por aqui assim, nos arames. Elas saíram, me deixaram. Realmente eu estava linda com aqueles arranjo todo, mas eu estava assim ó, não queria... Aí eu me arrumei, elas jogaram a chave do carro pra eu ir depois. Era vestidinho sem alça, eu não conseguia fechar atrás. Botei o vestido e segurava assim pra fazer o gênero mocinha séria, né? Com a chave pra sair, não conseguia abrir o portão! Como é que eu ia pular aquilo? Aí passou um moço lá na frente, eu disse: - Moço, moço! E ele: - Ah, vai te fuder, viado, num-sei-o-quê! Achando que eu estava cantando, eu estava pedindo socorro! Aí o vizinho veio, botou uma cadeira, me ajudou a passar pro outro lado, eu de meia-fina, de tudo... olha, esgarçada, parecia uma ariranha pulando aquela merda toda. Aí pulei pro outro lado, aí o moço me ajudou a fechar o vestido, e eu disse "Ai moço, brigado". E eu com aquele penacho, aquela roupa toda, aí eu fui correndo, cheguei no carro do Vivi, o carro ficou aqui em mim, ó! Eu estava de salto alto, com arranjo, eu não conseguia... aí eu voltei, estava chuviscando, eu digo "Meu Deus, Deus é gay, ele vai me ajudar". Daí fui lá abrir a porta, entrei, quando eu sentei assim, que eu fechei a porta, eu fiquei trancada, o arranjo trancou na porta, eu não conseguia me mexer! Olha, vou te contar! Penei. Aí eu abri a porta, sentei na beirada, fui assim, quase esgarçada, assim, até a Dizzy. Eu fui entrar por trás, porque as estrelas entravam por trás, né? Porque na frente estava assim a fila, né? E eu batia, batia, batia, o carnaval comendo solto, e ninguém, né? Quase que acaba o Carnaval e eu tô lá batendo ainda. E eu estava com a bolsa na minha mão, e eu enrolei ela aqui assim: "Quando eles abrirem a porta", eu digo, "eu vou entrar, vou dar nos cornos da Vivi e da Helinho, que eu vou quebrar os viados em pedaços! Aí entrei com a bolsa assim, aí todo o mundo: "Ê Paulinho!!", aí eu digo "Êêê..."*



Acervo Paulinho Gouvêa



Paulinho e Roberto Kessler. Acervo Paulinho Gouvêa.



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa





Paulinho e Ciro Brilhante. Acervo Paulinho Gouvêa.



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



*Acervo Paulinho Gouvêa*



Roberto Kessler. Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa

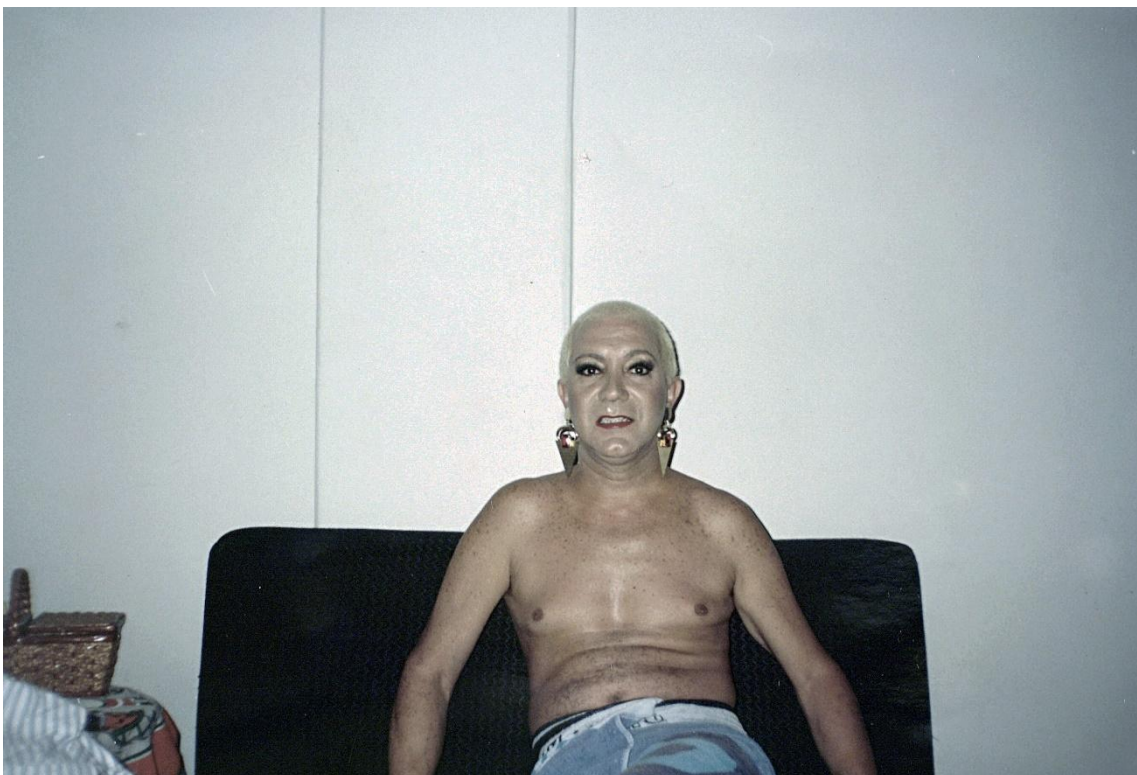




Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa



Acervo Paulinho Gouvêa

**Ciro Brilhante**

Acervo Ciro Brilhante

*A minha vida começou quando eu pisei o meu pé, em 1977, num ônibus da Santo Anjo da Guarda direto à Florianópolis, e quando eu desci aqui, primeiro passei pela ponte. Na época era a ponte velha, não a Hercílio Luz, a Colombo Salles, que era considerada velha porque a outra estava desativada.*

*Em Porto Alegre nós éramos em quatro pessoas, dois cabeleireiros e dois não-cabeleireiros. Os dois não-cabeleireiros, eu um, e o Paulo Boca, que era o apelido, era o segundo. O outro era Jorge, que era cabeleireiro, e o Roberto Kessler, que possivelmente todos conheçam, que era cabelereiro também. E viemos os quatro pra cá.*



Acervo Ciro Brilhante

*Eu queria aprender a cortar cabelo, então as pessoas me ensinaram. Eles me ensinaram e em troca eu vendi um imóvel que eu tinha na época, eu tinha ganho, eu fui emancipado pra poder vender, arrumar um dinheiro e vir pra cá, e montar o salão. Eu montei o salão pra nós trabalharmos, e o pagamento seria eles me ensinarem, aí foi assim que aconteceu. Chegamos, alugamos uma casa na... deixa eu me lembrar, meu Deus a rua do Hippo, na frente. Ferreira Lima. Alugamos uma casa na Ferreira Lima, de esquina e o nosso vizinho era Antônio Boabaid. E o Sidney cabeleireiro. Muita gente deve lembrar do Sidney, excelente profissional. E ali ficamos.*

*Então como éramos todos os quatro de Porto Alegre, não éramos conhecidos, claro, os forasteiros. Então a gente combinou assim: vamos fazer festas temáticas e daí*

*o povo vai nos conhecer. E foi o que aconteceu, a gente começou a fazer toda semana uma festa temática, gastava fortunas, entende? Mas convidávamos assim, a crème de la crème da sociedade, e todo o mundo ia, e foi indo, foi indo, terminou o ano, começou o ano seguinte, e nós éramos conhecidos.*

*As festas eram todas no salão. Porque assim nós apresentávamos a casa. E a casa era conhecida e os profissionais também. Eu na, época, até estava iniciando. Os meninos me ajudavam. Daí eu me matriculei no Senac. O Senac aqui na época, pra ser cabeleireiro eram três anos, a gente ficava um ano e meio de técnica e teoria e outro um ano e meio de prática. Terminado esse período, eu passei em primeiro lugar, foi ótimo. Então me formei, continuei trabalhando.*

*Eu sempre fui uma pessoa que fala muito, então no salão era uma piada, né? Porque eu atendia as pessoas, eu falava, falava, falava, quando eu via, tá pronto! Eu olhava assim, e caía na gargalhada porque assim, eu tinha cortado um lado e o outro não. Então olhava a pessoa e dizia: - Meu Deus do céu, não sei, acho que amanhã tu vais voltar. - Ah não, tá lindo! No outro dia a pessoa entrava e eu: - Meu Deus, eu disse que tu ias voltar? Eu cortava do outro lado, deixava a pessoa normal. E ela saía feliz da vida. São clientes assim, com histórias assim, hilárias, que eu tenho até hoje, eu tenho clientes de 42 anos, tem um casal Geraldo Zen e Ana Rita Zen, que eu arrumei para casar, namoro, noivado e casamento, até o Roberto Kessler foi padrinho de casamento, eles agora mês que vem, eu vou ter que voltar à Florianópolis porque eles fazem 43 anos de casados. Então eu os conheço em todo esse período, não é? Coisas gratificantes.*



Acervo Ciro Brilhante

*Então, depois de estarmos assim já situados, sermos conhecidos, a primeira pessoa que eu comecei a me dar foi com Helinho Cabeleireiro. Eu olhava pra ele: mas que bicha desgraçada, meu Deus do céu, ela é poderosa! Na época ele tinha um Puma Spyder conversível, ela jogava aquele cabelo dela, lindo, que não era branco era loiro. Eu dizia: - Mas que viado, ainda vou ser assim! Ela passava, sempre muito deslumbrante, mas deslumbrante querido, sempre muito querido, e até hoje a gente se fala muito. Então eu senti necessidade de me aproximar daquela pessoa, depois dele vieram diversas outras pessoas, têm o Paulinho Gouveia, o Vivi. O Vivi foi meu amigo de vida. Vivi a gente foi amigo muitos anos, até e falecer, então assim, eu vivi eu acho o que muito pouca gente viveu, entende? Vivi a intensidade da vida, no amor, na dor e na felicidade. Então foi fantástico.*





Ciro e Vivi. Acervo Ciro Brilhante

*Daí chegava a época de carnaval, todas ficavam loucas, porque tinha os costureiros bons, tinha a Cássia que fazia as cabeças, montava cabeças maravilhosas. O Vivi pobrezinha, tinha a cara feia. A bicha era feia, feia que era um raio, então eu olhava na cara dela começava a rir. "Bicha o que nós vamos fazer com a senhora?" Ela não tinha cabelo, né? "A Cássia resolve!", mas o corpo do viado era belíssimo. Então se tu tapasse a cara dela, tu dizia que era uma mulher. Em contrapartida eu tinha uma cara maravilhosa e arrasava também.*



Ciro e Vivi. Acervo Ciro Brilhante

*Então todos os anos a gente se montava para os carnavais, né? Tem até uma historinha hilária que depois eu conto, do tempo da Shampoo, que era outro local de carnaval, mas a gente se montava especificamente para o Carnaval do Roma, que era onde tudo se centralizava, porque na época também tinha o baile municipal, entende? Era a glória, porque concursos de fantasias de luxo, luxo feminino, masculino, originalidade, o Roberto Kessler por muitos anos também participou, mas o carnaval de rua era o nosso chão, então nós íamos pro Roma, nós acontecíamos. Foram anos após anos, eu ganhei no carnaval, em concurso, seis anos seguidos. Então me tornei hors-concours. O Vivi sete, ele se tornou hors-concours, então nós entregávamos faixas, houve tempos em que, no Carnaval do Roma, a gente entregava os prêmios.*



Vivi e Ciro no concurso Finas & Caricatas. Acervo Ciro Brilhante

*No carnaval era feito o concurso Finas & Caricatas. Nós não participávamos porque já tínhamos participado muito tempo. Então já éramos hors-concours, não precisava. Então tinha muita gente de fora, era um glamour só, era um fervor. O interessante é que nesses anos todos em que aconteceu o carnaval de rua, que eram assim muitas pessoas, era mais de 50 mil pessoas, era uma coisa assim, sabe, incomum assim, dado aos dias de hoje nem comparar, mas enfim, era muita gente então, e não tinha briga, não tinha briga, eram famílias inteiras na terça-feira de carnaval, que era o baile. Que elas ferviam mais ainda, que tinha os concursos de Finas & Caricatas, a prefeitura montava uma passarela imensa, gigantesca, a rua ficava mais lotada ainda, e aconteciam os concursos. Era uma beleza, nunca teve briga.*



Acervo Ciro Brilhante

*Eu cheguei em Florianópolis em 1977. Em 1978 eu já fui ao carnaval do Roma montado com meus amigos. Não tinha palco, não. Era feito no asfalto. Eles botavam um fio, a polícia militar botava um fio assim, e nós desfilávamos no asfalto, no chão. Então era fantástico, porque ali aconteciam coisas maravilhosas. A gente tinha muito amigo, então todo mundo torcida, gritava, se rasgava, fazia escândalos, entende? Era maravilhoso, a gente participava de uma grande festa de carinho, sabe? Era uma troca de sentimento bom, que não se explica, se sente. E eu posso dizer que eu senti. Até hoje eu sinto, que eu sou muito, eu sou muito emocional, então assim, o amor é uma coisa que toma muito conta de mim, eu aprendi a descartar o desamor. Então não tenho*

*problema com as pessoas, eu não brigo com ninguém, são as pessoas que brigam comigo, porque eu sou gostosa demais.*



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante

*Nós sempre fomos as finas. Nós não nascemos pra ser bagaceiras. A minha bagaceira era a coisa mais chique que tu possas imaginar. Eu não conseguia, não conseguia. Até o Vivi, e o Vivi era muito engraçado, porque ele fazia roupas muito sofisticadas, e era tudo alta costura. E eu, claro, era a bichinha pobre, na época, eu não podia pagar aquilo, então ela às vezes generosamente (às vezes!), generosamente ela dizia assim "faz que eu pago". Então ela pagava pra mim as roupas. Mas ela sempre mandava fazer assim as roupas: - Bicha, tem que ser apertada, justa! - Na época eu pesava 50kg, então dava. Mas uma vez ela mandou fazer uma Cleópatra pra mim tão justa, que eu não consegui subir o meio-fio em frente ao Bar do Roma, e eu travei, disse: - Vivi! - Quê viado? - ... vem cá, me ajuda, eu não consigo subir o meio-fio. - Espera um pouquinho. Entrou no bar, pegou uma faca, disse "vou resolver!", pegou e cravou a faca aqui na parte de trás e abriu tudo. Eu fiquei com a bunda de fora, resultado: tive que voltar correndo para casa trocar de roupa, porque ela era tihosa, ela sabia que eu ganhava dela em alguns aspectos, então às vezes "vou detonar o viado..." e foi isso que ela fez, rasgou tudo. Voltei pra casa, aí botei a roupa de segunda-feira, que seria o dia do concurso na Dizzy. Voltei mais linda ainda e ela ficou mais louca. Aí na segunda-feira tive que botar a roupa que seria do último dia, que não tinha nada a ver, mas deu tudo certo. Ela, inclusive, com a gente lá, a gente só entrega a faixa na Shampoo, então ela quebrou o salto bem na hora de entrar, foi ótimo porque ela me pediu o salto e eu disse assim "não!", porque tínhamos o mesmo pé, e ela chegou assim "me dá isso aqui, viado!", "Não, não vou te dar porque eu tô calçada!". E aí eu fiz sinal pro rapaz, e ele fez a chamada de mim antes dela, aí na hora que chamou ela, ela não se deu por vencida, ela entrou na ponta dos pés. A bicha foi terrível, ela foi pra me destruir mesmo. Mas, a noite deu toda certa.*



Ciro Brilhante no Baile dos Enxutos. Foto: Marco Cezar





Vivi e Ciro. Acervo Ciro Brilhante

*O Vivi se chamava Wilson Freitas Correia. Ele trabalhou por anos na Caixa, se aposentou, depois tornou-se cerimonialista. A gente montou uma firma, no princípio, juntos, eu ajudava muito ele. Mas depois era uma coisa cansativa, eu tinha o salão também, então eu disse assim: - Olha, bicha, a Sra. fica sozinha! Então eu ia eventualmente. Mas sempre que ele terminava uma festa, tipo 4h, 5h da manhã, ela me ligava. Claro que me acordava: - Bicha, tô indo aí tomar um café. - Tá bom, Vivi. Ela vinha com 8, 10 pessoas. Então tu imaginas o que é tu acordares 5h da manhã pra fazer café pra toda essa gente, e todo mundo come, come, come, come, e vai embora! Tu imaginas a casa, a cozinha, a louça. Eu dizia: - Vivi, e isso agora? - Tu lavas que eu eu vou deitar. Era assim.*



Vivi e Paulinho, com uma amiga. Carnaval no Centro (anos 1990). Acervo Paulinho Gouvêa.

*Tinha o Carnaval do Roma e tinha o Baile dos Enxutos que era na Dizzy, eram duas festas distintas. Sempre o Baile dos Enxutos foi na segunda-feira de Carnaval, não, terça-feira de Carnaval, sempre. O Roma era sábado, então sábado a Hercílio Luz bombava! Sábado era o grande dia. Sábado na Hercílio podia contar que no Roma eram todas reunidas, foram anos, assim, memoráveis! Anos que a gente não esquece, anos que fizeram a gente crescer em todos os sentidos, fizemos muitas amizades, conhecemos muitas pessoas. Era gente de tudo quanto era parte do Brasil, e fora do Brasil, entende? As bichas eram divertidíssimas, colombianas, as uruguaias, as argentinas, não tinha aquele flagelo de Argentina e Brasil, não, isso é no futebol só, porque no viadeiro elas são todas iguais, elas ferverem. Elas adoram fofoca, então era bater boca. E no outro dia, mortas, elas iam tudo pra Praia Mole, Joaquina também, que bem no início era Joaquina, e dava a continuidade do fervo. A maioria ficava no hotel ali na Hercílio, que era bem na frente do Roma. Então elas despencavam ali, quando chegava à noite começavam a sair, sair, sair, não parava mais, e era griteiro, griteiro... e elas são ótimas, porque elas são bem delicadas, bem silenciosas, né? Bem contidas. Então elas se faziam notar. Época boa, época excelente.*



Acervo Ciro Brilhante

*Viado nunca planeja nada. Não, não. Assim ó, faltava uma semana pro Carnaval, elas começavam a ficar loucas. No dia que tinha que acontecer, ainda faltava coisas pras roupas, elas estavam no comércio que nem loucas, na casa do Brilho, na Plumas & Paetês, na loja que era do Edson, que infelizmente já faleceu. Mas enfim, ele aguentava todas elas, então o viadeiro ia pra lá e saía com sacolas e sacolas, tudo pra se montar pra noite estar pronta. Então era assim, era um plano sem plano, sabe? Antes do Gesoni teve outros estilistas, ele fez bastante roupa pra mim e pra Vivi, mas antes dele teve outras costureiras, a gente encontrava assim. As paliativas, como a gente diz, mas que funcionavam, entende? E o Vivi, a roupa dele era assim: "Vou fazer uma noiva.", a noiva dela tinha 100 metros de tule, então eram dois rolos de tule que a mulher tinha que fazer aquela saia enorme, e no meio só aparecia aquele alfinetinho, era o viado! Eu disse: "Bicha, vamos fazer a morte do Cisne pra senhora, vai ser um sucesso! Aí ela comprou tule preto, um ano, daí usou corpete, todo de paetê prata, pra fazer assim um glamour na saia preta, e foram 100 metros embaixo, aí eu peguei e fiz um turbante, ela não tinha cabelo, né? E na época eu lembro que o Palmiro, que era da Caixa também, que saía junto conosco. Palmiro é excelente pessoa, mas ele tinha um problema. Se tu dissesse "Ai bicha, como tu ficou feia", pronto. Ela tirava tudo, ela se desmontava inteira. Então teve essa noite que o Palmiro estava, nós estávamos todos nos maquiando num salão que o Hernani tinha aqui no Centro. Bem ali na Princesa Isabel, e aí o Hernani estava maquiando uma por uma. E a Vivi, como ia de noiva, eu olhei pro lado e ele estava com uma bucha de algodão, com talco branco na cara dela, quando ela levantou tu imagina a assombração que tava, e eu comecei a rir, dava gargalhada. Mas o Vivi sempre ria da cara dele, achava ele feio mesmo, então ele assumia aquilo tudo. E o Palmiro quando foi fazer a maquiagem, também teve essa borrifada, e quando eu olhei ela branca eu caí na gargalhada. Ela ficou louca, na hora levantou, lavou a cara, foi embora, e nunca mais se vestiu de mulher. Nunca. Ficou traumatizada.*



*Acervo Ciro Brilhante*

*Por exemplo, eu e o Vivi, ele sempre dizia assim: - Olha bicha, esse ano nós vamos de La Femme Fatale. Então eu tinha que ver, porque ela viu uma roupa pra ela, entende? Nós éramos diferentes. Eu tenho 1,80m, ele tinha 1,68m. Então eu dizia: - A roupa que fica bem pra ti, não fica bem pra mim, tem que ver, vou adaptar. - Ah tá, então tá. Então a gente fazia as roupas iguais, mas a minha a tinhasa sempre mandava ajustar o que dava. Eu caminhava e tinha que levar um tambor de gás pra poder respirar porque era uma coisa assim, extraordinária. - A senhora tá ótima! - Eu estava roxeando já. - Bicha, pelo amor de Deus, sobe um pouco.*

*O espartilho que eu usei, então, foi de chorar. Porque de tanto que ela apertou arreventou o fio, que era de seda, difícil de arreventar. Então ela botou um fio. Um fio elétrico! Sim, elas são assim, elas pegam o que tem pela frente. Carnaval, pra fazer compra tu entra em serralheria, entra em tudo. E ela passou aquele fio. A noite foi maravilhosa, gloriosa, e final de noite saímos com dois bofes, ela com um e eu com outro. - Ah, tem um motel maravilhoso! - e eu era muito puro nessas coisas, mas eu nunca tive problema. Fui. Eu sei que era lá no outro lado da ponte.*

*E chegamos no tal motel, e eu estava me sentindo muito linda, e eu fiquei me olhando naquele espelho. E o bofe mamado, tinha tomado todas, né? E eu só ouvia ele dizer: - Tu não tem um alicate? - Alicate? - é que ele não conseguia abrir, porque o fio, ela deu um nó no fio, entende? Resultado: eu vi o dia clarear, a bicha transou que nem uma louca do outro lado, gritava e tudo!*

*E o dia clareou, ela bateu na minha porta, eu tava com o olho estalado. - Vamos, viado, vamos embora! - Vivi, nada aconteceu. - Por que nada aconteceu? Porque a Sra. não é atrativa, onde é que já se viu, bofe lindo... - Olha lá o bofe, tá morto lá, não consegui me tirar o espartilho porque a Sra. botou um fio aqui atrás... Ela caiu na gargalhada, eu: - Te espero no carro! E eu tive que pegar o bofe ainda, botar no braço, carregar até o carro, pra jogar na frente da casa dele, isso já era quarta-feira de cinzas e ela decidiu me largar aqui na esquina da Ilhéus, com Banco do Brasil, 11 horas da manhã. Tu imagina eu com o espartilho e um fio amarrado nas costas. Foi um dia do Freddy Krueger.*

*Eu cheguei em casa transtornada, e o pior foi pra abrir, tive que pedir pro porteiro do prédio: - Sobe comigo, pega um alicate pra estourar esse fio. É cena, uma atrás da outra, são coisas hilárias que a gente viveu. Mas valeu a pena, como diz, tudo vale a pena se a alma não é pequena, né?*



Acervo Ciro Brilhante

*O que acontece com o carnaval, penso. Nós somos, eu acho, uma das poucas cidades que têm carnaval, tinha, agora a gente tem que colocar tinha, né? Porque faz dois anos que a gente não tem, não é? Mas eu me visto, eu tenho uma freira que eu uso todos os anos, eu visto a freira, corro até a Catedral, abro os braços, abençoo todo o mundo e volto pra casa, e sento na soleira do prédio, esse ano foi no TAC que eu abençoei o povo, mas não tinha uma viva alma na rua, tive que voltar pra casa, então quer dizer assim, mas eu botei, né? Eu posso até pegar daqui a pouco, tem uns modelitos ali, eu posso mostrar...*

*Mas foi uma coisa em ascensão, uma degradação em ascensão, o carnaval pra nós é beleza, entende? E a beleza foi sendo destituída, ano após ano. Não sei se por falta de recursos, as pessoas ficaram tão tristes de cansarem de pedir ajuda, que até elas cansaram de fazer coisas, como escolas de samba que sempre iam pro exterior faturar dinheiro pra poder fazer o carnaval, né? Porque a ajuda era mínima, mas isso também é uma coisa mais política, eu também não entendo, também não me interessa, entende? O que eu penso é o seguinte, as coisas foram diminuindo, o caos foi tomando conta, né? Eu acho que a segurança foi diminuindo cada vez mais, a gente começou a se sentir inseguro e começou a se afastar, porque o que nós mais tínhamos aqui, era segurança. O que mais nós tínhamos era a liberdade do poder ir e vir, tu nunca entrava em confronto com gente, com gangue, não tinha gangue não tinha essas coisas, aqui no meu prédio onde eu moro, nós temos uma galeria lá embaixo, a gente põe a grade no carnaval e fecha a galeria, a gente faz lounges ali, porque o carnaval acontece aqui, acontecia sempre aqui na frente. Então era assim, 30 mil pessoas no sábado, uma beleza. Então todos os anos eu subo e desço aqui que nem uma louca, ano retrasado botei sete roupas, entendeu? Subia, descia, subia, descia, trocava de roupa, e o povo enlouquecido, mas eu gosto, eu gosto dessa troca de energia, até que há dois anos atrás, quando começou a pandemia, que já disseram que nós já tínhamos a pandemia naquela época, em fevereiro, no último carnaval, né? Mas ninguém sabia, neste ano, inclusive, meu Deus do céu o que eu fervei! Tava maravilhoso, mas estava sem segurança. E engraçado que no mesmo dia eu tinha ouvido o secretário do Estado Maior, chefe do Estado Maior, dizer que o contingente que ia ser determinado pra segurança aqui nessa região, assim, não tinha contingente nenhum, né? Despreparado, porque quando veio, por exemplo, o Enterro da Saudade, que o povo acompanha todo, eu peguei já na Hercílio Luz aqui, vindo pra cá pra Catedral, vinha uma viatura ostensiva afastando as pessoas com cassetetes,*



*quer dizer, uma coisa que é pra tudo te sentir segura, tu te sente amedrontada, como é que tu vai ser feliz assim? Então eu acho que o próprio poder público afastou a beleza do carnaval. Quando é uma fonte de renda inesgotável nessa época pra gente, né? Deveria ter essa assistência.*



Acervo Ciro Brilhante

*Então, o concurso a princípio foi... ah, então quem organizou, né? Nessa época tinha o Ailton Cabeleireiro, hoje ele não participa mais de nada, ele deu um outro rumo pra vida dele até não o vi mais, uma coisa lamentável, uma pessoa linda, mas eu não o vi mais, mas se ele fazia. Era um grupo, o Palmiro também ajudava, o Barbato, Carlos Barbato, Paulinho Gouvêa, então esse núcleo é que idealizava tudo, e se criava, é claro que na época eu não tinha a proximidade que eles tinham com o poder público, no caso, que era também tão diferente na época, tudo mais assim, fala frente a frente, numa boa. Então só pediam e os guardas já faziam o meio-fio, o isolamento...*

*A apresentadora era qualquer uma que pegasse microfone e já escrevia num papel e gritava. Ali no asfalto mesmo, botava três ou quatro pessoas sentadas numa cadeira no bar pra ser jurado, e assim acontecia, e tinha muita marmota, então era ótimo porque quando ganhava uma feia todo o mundo queria bater nos jurados, era um escândalo, era um sucesso aquilo, meu Deus do céu, como era bom.*

*Era berrando, era gritando, querido. Começou primeiro gritando, depois o microfone... E era uma caixinha da, isso eu lembro, era uma caixa da Philips deste tamanho assim,*

*É, e a bicha não conseguia terminar o espetáculo porque ela estourou o alto-falante da caixa, porque sabe como é, homem não tem uma voz tão feminina, e ela vestida montada de mulher falando bem alto, bem grosso, estourou a caixinha de som. Eu não lembro quem era, mas se não me falha a memória ela era de Curitiba.*

*As de Curitiba são ótimas, elas fervem que nem loucas, elas sempre vieram e tombaram. Curitiba sempre foi muito boa, assim, pra unir, pra congregar as pessoas, pra fazer os escândalos dá certo, entende, e sempre foram muito criativos, né? Porque elas fazem roupas fantásticas, sempre foi tudo muito certinho, assim, elas sempre fizeram as coisas... demoravam a chegar quando... o hotel às vezes era duas da manhã saía aquela avalanche de viados lindíssimo, todo mundo já tava cansado, tava indo embora, vinha elas tudo, gritando, os leques eram leques assim, de quase 60 cm, elas batiam o leque, faziam vrá! O povo ficava louco, então elas motivavam o carnaval a noite inteira, o Afonso bombava, o dia clareando, entende? Era tudo assim, era tudo muito espontâneo, era tudo muito natural, as mudanças que a vida trouxe, que o tempo trouxe, e que as próprias situações trouxeram, só diminuíram a intensidade de uma coisa que é tão linda pra nós de Santa Catarina, de Florianópolis, por ser uma cidade tão fantástica, tão inebriante, são lugares assim que envolvem as pessoas, as pessoas gozam aqui, elas não curtem férias, elas gozam, saem daqui totalmente piradas, todo mundo*

*já quer se mudar pra cá quando vai embora. Dá vontade de dar na cara das pessoas, por isso que a Ilha tá afundando. É muita gente, não dá. Eu sou Gaúcha, mas eu sei que tem um monte de gaúcho ruim aqui, queria que essa raça fosse embora tudo, mas fazer o quê, né?*

*Não, nunca teve isso de homofobia, nunca teve. Aliás, até a palavra é ausente, né? Porque a palavra homofobia não existia naquela época. Mas a gente nunca viu briga, sabe? E as bichas eram atrevidas, né? Elas faziam por merecer, mas não, não, nunca teve, nunca vi pancadaria, briga...*

*Muitas famílias iam, a Hercílio Luz era tomada por família, criança, tinha família, criança, cachorro, tinha tudo, e eu acho até que se nós conseguirmos resgatar acho que a a gente vai ter isso de volta, porque a melhor memória é aquela que não apaga, é aquela que fica e a gente consegue botar ela pra fora. Eu enlouqueço todos os anos quando chega o Carnaval. Pra mim é como se fosse a primeira vez, todos os dias, fico doido, fico alucinado, me emociono, eu gosto. Eu gosto do carnaval, eu gosto da vida, eu amo viver, eu amo as pessoas, eu sou apaixonado por todo mundo, eu não tenho problemas, os problemas que eu tinha eu consegui eliminar, a vida me ajudou. Eu me fortaleci, não sou diferente de ninguém, imagina, tive problemas, passei dificuldades, passei até fome aqui, mas me sinto uma pessoa vencedora porque eu consegui chegar onde poucas pessoas chegam, numa plenitude que me faz bem, que às vezes as pessoas são plenas, mas são carregadas, eu sou leve.*



Acervo Ciro Brilhante

***[Renato Turnes para Ciro]: Eu queria te mostrar uma foto e queria que tu falasse sobre ela:***



Ciro, Paulinho e Vivi. Acervo Paulinho Gouvêa

*Isso aqui tem uma história maravilhosa. Isso aqui eu vou te contar, essa foto é assim, ó ... eu era debutante! Eu tive dois anos que eu fiz debutante, essa foi uma mais classuda, mais Chanel, mais Coco Chanel, o Gesoni que fez as roupas, e a Paula Gouvêa é ótima, Paula Gouvêa sempre foi a Dete Piazza, ela tem a cara da Dete Piazza, sempre, sempre, não adianta, e a Vivi, esse arranjo que ela tá usando, foi a Cássia que fez, na época na Beiramar tinha aquele, ai meu Deus, era um drive in que tinha, o Vegas, então umas 6 horas da manhã nós fomos pra lá comer, eu e elas, assim, montada. Nós éramos as únicas vestidas de mulher que entrávamos em qualquer lugar, em qualquer restaurante, nunca fomos barradas, as outras eram. Inclusive uma vez na Macarronada a gente foi entrar, e uma outra quis entrar e o guarda barrou ela: - Mas como elas podem? As duas viramos ao mesmo tempo: - Olha bem, meu amor! Então foi muito engraçado assim, neste caso aqui foi atípico porque a Vivi adorava x-salada, e nós entramos no Vega pra comer um x-salada, e eu bebo, ela não bebe, ela não bebia, e eu já tinha tomado todas, mas não perdi a classe, daí sentei, fiz a pose no Vegas, dia claro, e eu olhei pra ela e eu vi as flores se mexendo, olhei pra ela:*

*- Bicha, acho que eu tô louca!*

*- O que é viado?, e comendo o tal x-salada.*

*- O seu arranjo tá se mexendo.*

*- A senhora tá louca!*

*E eu olhava e aquilo fazia assim, fazia assim ...*

*- Bicha, tá se mexendo!*

*Resumindo: Ela já tinha comido duas flores junto com o x-salada e não tinha se tocado! E olha que era tudo com fio de aço o troço, e ela comeu, engoliu tudo e não viu. Quando ela descobriu:*

- Foi a senhora que fez eu comer isso, sua louca.

- Não bicha, a senhora tá é doida.

*Resumindo, ela estava de carro, ela foi embora de carro e me deixou a pé. De raiva, de raiva. Aí eu peguei, na época eu não tinha dinheiro. Salto alto. Fui vestido assim, de pomba-gira, até em casa, que eu morava na época aqui na Ilhéus, nesse Adolf Ziegler. Mas foi uma época maravilhosa. A Paula era mais senhora, ela era recatada, ela cansava daí ela ia embora. Essa foto foi bem legal! As roupas são do Gesoni. A da Paula não sei quem é que fez, mas a minha e da Vivi foi o Gesoni que fez. Renda mariscot. É, tem um monte de coisa legal. Lindíssimas. Memórias lindas.*



Ciro e Ricardo Medeiros, proprietário da boate Oppium. Acervo Ciro Brilhante





Roberto Kessler e Ricardo Medeiros. Acervo Ciro Brilhante.



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brillhante



Ciro e uma caricata. Acervo Ciro Brilhante



*Acervo Ciro Brilhante*



Ciro desfila no Baile do Clube Doze. Acervo Ciro Brilhante





Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Acervo Ciro Brilhante



Ciro e Paulinho, curtindo uma noite na Oppium. Acervo Ciro Brilhante

Karla Camuracci



Acervo Karla Camuracci

*Eu me lembro da época que o Roma era um bar que trabalhava de dia, e depois começou uma aglomeraçõzinha das gays que vinham, aí começaram a ficar ali, tomando uma cervejinha, aí começou. Aí eu acho que ele teve uma ideia: eu vou fazer um ponto GLS, na época, um ponto gay, que aqui eu vou ganhar dinheiro. E realmente, aí na época começou assim dar aquela aglomeração. Aí eu via, mas não podia entrar, e entrava todo o mundo...*

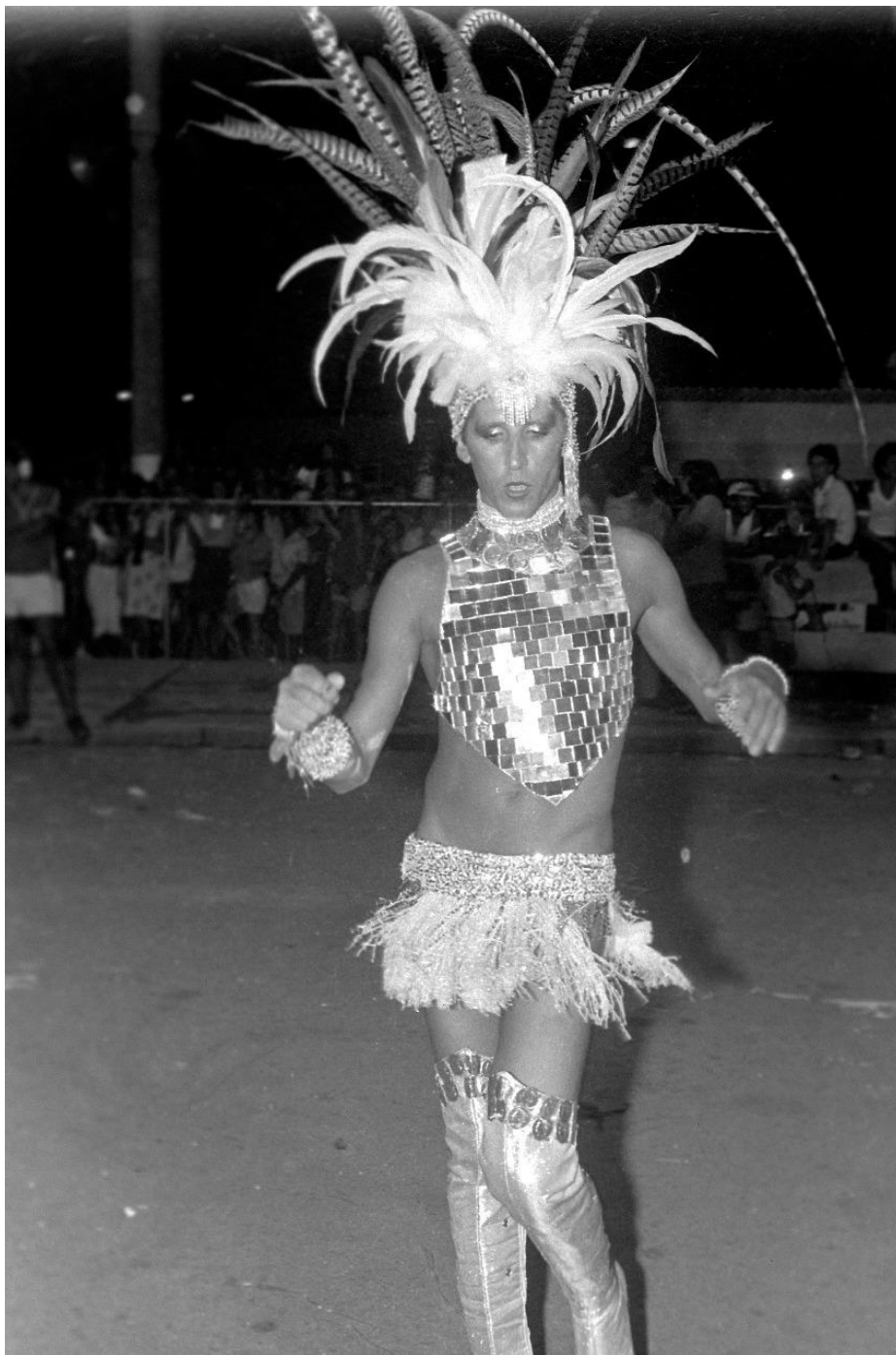
*Era o ano todo, começou o ano todo, e aí no Carnaval através de Vivi, Paulinho, Barbato, muita gente antiga começou a se montar de mulher e vir pro Roma, entendeu? E aí o que é que aconteceu, começou o baile do Roma, que elas incentivavam, aí tinha os bloquinhos da gente, tinham as marchinhas...Eu acho que foi por 1972... 70, 72, por aí, que começou esse fervo todo. Ai, olha o Carnaval do Roma era maravilhoso, gente, não*



*Frames do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)*

*existe. O antigo era melhor ainda, vinha muita gente de fora, São Paulo, Rio, começou a virar uma referência.*

*O Helinho! O Hélio nunca participava muito, ela era muito mais reservado por causa do Ney, que era casado, mas de vez em quando aparecia... tanto que eu amo o Hélio, adorava andar no bugue do Hélio, ele tinha um Puma Vermelho, e eu adorava andar. Ciro, Roberto Kessler, vieram muito depois.*



Helinho Cabeleireiro como destaque no desfile das Escolas de Samba de Florianópolis. Foto: Marco Cezar



*O que acontecia, era muito engraçado, eu vivia muito no meio das gays, porque as gays, elas faziam roupas lindíssimas, coisas espetaculares, e quando tinha travesti do outro lado, queriam o quê? Avançar, arrancar peruca, tirar roupa, era uma correria, porque todo o mundo se montava. Nunca me esqueço, eu usei uma rumbeira e eu fiquei só de calcinha, elas arrancaram a rumbeira, meu aplique, eu estava com uma peruca, até hoje eu não sei onde é que foi parar a peruca, eu perdi a Carmen Miranda, na época, as fruta foi tudo pro pau... elas me pegaram pelo cabelo, ainda bem que era uma peruca.*

*Eu tava no meio das bicharada lá, fervendo, olha a coisa era punk! Era porrada mesmo, elas davam. Aí, eu nunca me esqueço, eu usei um macacão todo de crochê, que uma amiga minha fez para mim, de strass, o meu macacão ficou assim, só no fio dental. Eu fui toda rasgada no Carnaval, não deu nem tempo de eu correr, ainda bem que era um macacão com uma coisinha fininha, elas puxaram, ficaram no dedo e eu fui correndo que nem um rolo assim ó, foram me desmanchando e eu fiquei de peito de fora, digo meu Deus, não dá. Aí eu ficava o quê? Não ia pra perto do Doze, nós ficávamos ali no grupinho do Roma, que ali no Roma uma pessoa protegia a outra.*



Acervo Karla Camuracci

*As travestis ficavam mais pro lado de lá, mais pro lado do Doze. Aí eu ficava junto com a Vivi, com a Paulinho, mais ali perto do Roma. E eu tirei o Paulinho de quase dar rolo, quando elas queriam pegar o Paulinho, Paulinho com aquela peruca dele pretinha, chanelzinho, fina, bebia todas a Paulinho, tirava o sapato. Era muito fervo, gente!*

*Olha, vocês não imaginam como a gente se divertia, e tinha o Moacir, cada roupa lindíssima ele usava, tinha um menino que me o nome agora, que trabalhava no banco, e ele ganhou o concurso da Dizzy também, era lindíssimo ele, ele era lindo, lindo, o cara. Meu Deus ele ele ficava assim ó, imagina que travesti, assim, morria de ódio quando via a beleza do cara. Sabe? Era um homem, mas ele se transformava numa mulher tão linda...*

*Era quase uma transformista, que antigamente era transformista. O cara se transformava numa beleza incrível. Eu era amicíssima dele, me dava muito presente, eles gostavam de mim porque "ai Karla, eu vou te dar um presente", o Pedro, "ai Karla, vamos fazer uma roupa pra tu sair no Carnaval. Eles me ajudavam muito.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)



Frames do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Eu era muito maltratada. Meu Deus do céu, assim, as travestis... gente, era difícilimo, imagina! Tinha uma pessoa chamada Carlos, que até eu bati nele, eu bati, os meninos do meu Morro desceram, queriam pegar ele, até a Brigitte entrou nessa parada, porque ele tentou me humilhar de uma forma e eu não aceitei. Ele é uma pessoa que já faleceu chamada Reinaldo, também, eu bati muito nele nessa época. Porque imagina uma pessoa te humilhar na frente de todo mundo, dentro do Roma, cuspir, sabe? "Ah, tu não entra porque tu é travesti e nós somos ricos, nós entramos". Até que eu perdi o controle e consegui meter a mão na pessoa, aí entrou em cena a Brigitte... assim elas entraram em cena porque aquilo ali foi demais. O Roma foi uma coisa que, por último, eu até gostava. Mas antigamente, tu imaginas, cara, tu quereres tomar água mineral e não poder entrar porque tu andava de saia e de salto, e tinha gente de saia e de salto lá dentro, entendeu? Era preconceito com as pessoas, entendeu?*



*Era uma bicha insuportável, morava aqui na Anita Garibaldi, imagina uma pessoa pobre, que não era rica, andava com umas pessoas que eram, aí saltava do carro, cuspiam, ria, estourava o champanhe pra debochar, tanto que um dia eu não aguentei e dei uma surra nela que eu quase matei. Ainda queria dar mais se ela tivesse viva, acho que até morreu. Ah, eu dei mesmo. Eu fiquei até famosinha porque eu não levava desaforo pra casa, eu consegui dar tanto nele que eu arranquei peruca, cílios postiços, salto, ele tinha um medo de mim... e ele usava umas esponjas, umas Pirelli, que ele era lindíssimo de mulher, entendeu? Era a rainha da Pirelli, mas ela era insuportável. Extintor de incêndio jogaram em mim uma vez. Eu sei que foi ela, entendesse? Eu fiquei, parece que eu saí do espaço, eu fiquei dentro da nuvem e quando eu saí...eu tava produzida e saí toda branca de extintor de incêndio. O que é isso? Quem foi? Aí falaram pra mim "foi a fulana de tal", eu esperei ela até na hora que eu consegui pegar ela no Roma, na época. Eu esperei até eu poder meter a mão nela, aí ela viu o que era bom para tosse, ela viu quem era do Morro, entendeu? Porque assim, "ah, a Karla travesti mora no Morro". Imagina, gente. Gente de tudo que é tipo mora em morro, mora em favela, mora em qualquer lugar. Não é verdade? Então só porque eu morava no Morro, era discriminada. "A Karla é do Morro do Céu", mas o Morro é maravilhoso, meu Morro nunca deu briga, assassinato, nunca deu nada. O Morro hoje é ali perto do Shopping Beira-mar, fina. Aonde eu moro, querida, é em frente aos prédios, eu sou nobre, e eu tô na área nobre. Mas antigamente, eles já "ah, a Karla veio do Morro", tudo era que eu era do Morro, suburbana.*



Karla aos 17 anos. Acervo Karla Camuracci

Na segunda-feira de carnaval, a euforia tomou conta da cidade. Desde cedo todas se aprontavam com seus trajes ma-ra-vi-lho-sos para o desbundante baile dos enxutos na Dizzy, hoje ponto alto do carnaval gay no Estado. A boite estava repleta, porém fresca e não houve mal entendido. As moças abaixo mostram o lu-xo que foi essa explosão do silicone. Na Dizzy é claro.

# DIZZY

PAULO DUTRA



Karla e Vivi. Jornal O Estado. Acervo Karla Camuracci

*O dono do Roma foi muito ingrato, até hoje eu converso com ele, de vez em quando assim, mas é uma coisa bem distante. Porque o tempo passou e as pessoas envelhecem e mudam, entendeu? Mas elas não pensam no passado, o erro que elas tiveram.*

*Fora isso, o clima era maravilhoso, gente. Vocês não imaginam o que descia de família, sabe, era um clima de harmonia, não dava briga, as pessoas tinham o prazer de levar criança, imagina era fila de criança pra ver os gays e as travestis andando pra lá e pra cá, sabe? Eu e eu também ficava vendo às vezes as travestis, porque eu achava lindíssimas, eram assim, plumeiros imensos. Então você via o quê? Família de tudo quanto era lugar vinha por causa do Roma, entendeu? Isso aí foi uma pena acabar, hoje em dia já não existe mais esse glamour, não existe...*





Frames do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Olha, eu sempre tive muita sorte, assim, eu comprava poucas coisas porque era difícil, então eu ganhava muita doação, eu ganhei muita roupa graças, assim, ao Pedro, foi uma pessoa legal, e não esqueço, ele me deu muitas coisas de roupa, eu ganhei roupa do Vivi, que me adorava. Nunca me esqueço, uma vez eu fui na casa do Vivi, e eu ia participar dum concurso, eu entrei numa roupa e ele nem viu, estourei a roupa dele inteira, que a roupa não entrava em mim, saltou lantejoulas pra tudo quanto foi lado, aí ele me doou a roupa, eu fui pra casa, através de dois amigos meus, gaúchos que estavam na minha casa, eles cortaram, a gente comprou tule, na época, e consegui entrar dentro da roupa, que era para participar de um concurso da Oppium, na época.*

*Mas assim, era uma coisa muito engraçada, e as pessoas se doavam mais, era amizade. Assim, tinha gente do banco, Caixa Econômica, eu ia finais de semana pra casa de todo mundo, sabe? As pessoas que eram ricas que tinham dinheiro, nunca tiveram preconceito de subir na minha casa ali no Morro do Céu, pra fazer meu aniversário. Eles faziam surpresa pra mim. Então esse era um círculo de amizade que a gente sente muita saudade, muita falta, que já não existe mais. Essa cumplicidade, entendeu, eu andava muito em grupo, e hoje em dia eu sou muito solitária, eu fico mais dentro de casa, com a minha cachorra, e eu tenho algumas amigas, algumas clientes amigas, alguns amigos das antigas, mas hoje em dia tá difícil você fazer essa amizade, de abrir espaço seu pra uma pessoa mais jovem, porque as pessoas já vem no interesse. Não sabe o seu passado, não sabe o sacrifício. Então antigamente era muito melhor. Eu me divertia muito.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Eu me lembro, porque assim, de primeiro não tinha, era uma passarela pequeninha que eles botaram ali para elas desfilarem, aí eram as transformistas e as caricatas. A gente ria muito, gente, era muito engraçado. E tinha umas pessoas de Curitiba, nem sei se existe elas ainda, eu tenho foto delas, até tenho que achar pra te dar as fotos, mas assim, era muito engraçado. Travesti não desfilava, desfilava transformista, as caricatas, que era uma coisa diferente entendeu? Mas aí a gente fazia aquele grupo ali e ficava, era um desfile pra lá e pra cá. No chão. Mas era uma coisa muito aconchegante, e eu sinto saudades. Eu passo aqui no Roma, hoje em dia, o Roma é o quê? Virou um nome só, um símbolo, porque acabou. Acabou. Eles conseguiram tirar a essência de uma coisa que era maravilhosa. Os hotéis perderam muito, o Oscar, o Ivoram, era lotado, era show nas janelas, tudo isso era maravilhoso e hoje em dia não tem mais isso, não tem mais graça.*

*Eu senti muita saudade, último ano do Roma foi quando o Tiago ganhou pra vereador e a Rose Berger e o Dário tiraram o Pop Gay daqui, pra botar pra lá, eu fui comissão julgadora, que eu sempre fui comissão julgadora do Pop Gay. Eu senti uma depressão tão grande, assim sabe tirar uma coisa que era tão certa, já era uma coisa assim, vinculada naquele cantinho ali no Carnaval. Eles tiraram e acabou o carnaval da Hercílio Luz, não é mais aquele glamour que tinha, entendeu? Aí todo o mundo perdeu, eu senti muita falta quando mudaram o Pop Gay, tanto que eu nunca fui, aqui na praça, aqui perto do Hospital de Caridade. É, eu nunca fui. Eu fui três vezes comissão julgadora lá na Praça XV.*

Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)



*Antigamente as pessoas ficavam mais aglomeradas, mas tinha respeito. No Pop Gay, até quando era aqui no Roma, o que acontecia? Você ficava próximo, as pessoas botavam já a passarela perto. Agora no Pop Gay lá embaixo, é difícilimo. Você fica a 80 metros, eles distanciam as pessoas que tu não consegues ter acesso, não consegue ver as pessoas de perto, eu acho uma aberração botar aquela grade imensa, deixar mais de 100 metros de distância de um palco, quê que é isso? Não, a coisa tinha que ser mais perto, se aproximar mais, entendeu? Uma coisa mais de união como era antigamente.*



A frente do Roma, vista de uma janela do Hotel Ivoram. Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique... (1997)

## Ailton Hipólito

*E me chamo Ailton Hipólito, nascido em São José, na Ponta de Baixo, vim morar na Ilha com cinco anos de idade e saí da Ilha com 28 anos. Eu sempre gostei de carnaval, mas um outro lado que eu gosto também é de Boi-de-mamão. O boi-de-mamão eu amo de paixão, inclusive eu faço boi-de-mamão de miniatura. Mas o carnaval eu sempre fiquei muito assim, como vou dizer pra vocês... começava a dar os primeiros sinais e eu já ficava agitado, queria sair pra rua.*

*A história do Roma eu não lembro muito bem, eu acho que foi antes de 1980. Foi. Nós nos vestíamos de mulher e a gente saía aqui, descia a Praça XV e a gente ficava por aqui, depois íamos pro Roma. O Roma no início era bem tranquilo, depois começou aquele movimento, aí os gays começaram a frequentar. Mas eu acho que na década de 1970, 1978, por aí mais ou menos, se não me falha a memória, eu acho que foi nessa época que eu comecei a frequentar. Eu não ia no início, bem no início eu não ia.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Eu me arrumava no salão, descíamos e íamos pro Roma. O salão era meu. Ali na Arcipreste Paiva, na Vidal Ramos com a Arcipreste Paiva. A gente se arrumava e descia ali. Chegava lá e começava o fervo. Era muito interessante, era muito divertido. Inclusive veio muita gente de fora também, vinha um... não sei se era advogado, ou juiz, um homem alto, bonito, se vestia de mulher, ele só vinha pra cá na semana do carnaval pra se divertir, era uma pessoa fantástica. Mas era uma festa, ali era muito interessante porque tinha fantasia, tinha gay bem arrumado, tinha gay meio esculachado. As finas, as caricatas, mas era muito interessante, muito bom mesmo, sabe? Era muito divertido. E não dava briga! Não dava briga nenhuma.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*O Roma era um bar que funcionava durante o ano como um bar comum, um bar normal. Alguns iam tomar uma cervejinha durante o ano, mas eu nunca ia. Só ia no Carnaval. Só ia no Carnaval, porque como a concentração era ali, então a gente ia direto pra lá. Mas durante o ano, eu acho que se eu fui, durante anos, uma ou outra vez, foram pouquíssimas vezes, porque nosso fervo era no Carnaval.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*A minha turma era uma turma de fora que vinha, meus amigos que vinham, os paulistas que vinham pra cá e adoravam. Tadinhos, alguns já partiram, e eles vinham, e se vestiam e iam saracotear no Roma. Era uma festa o Roma! Gente, mas só vivendo essa época mesmo! Era muito, muito interessante! Todo mundo se montava, era um fervo. Se montava no salão, ficava tudo jogado, a gente saía aquele bando de 20.*

*Eu saí uma vez de Garota do Fantástico. Maiô preto com prata, uma meia arrastão e um brinco de pena colorida assim, que o meu amigo fez para mim, e uma peruca meio clara, meio loira, meio acobreada. Eu botei uma faixa... fiquei lindo, fiquei muito bonito. Aí eu descia, parecia um bando de tolos: - Garota do Fantástico! Eu gritava assim e o pessoal atrás, meus amigos, todos pulavam, era muito interessante, era muito divertido!*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Eu fazia a roupa mais simples. Mas fazia o carão! O carão. Como eu sou maquiador, fazia uma maquiagem bonita. Só que a bicharada não tinha maquiagem, elas não sabiam se maquiar, a maioria não sabia mesmo se maquiar. Faziam aquela maquiagenzinha assim. Eu botava uns cílios bonitos fazia uma montagem de drag mesmo assim, fazia uma maquiagem bem bonita e a gente ia. Eu saí várias vezes, saí de garota do Fantástico, saí de Madame da sociedade, um vestido de onça, botei umas penas na cabeça, colorida também, ficou bonito! A gente comprava as roupas e tinha uns amigos que faziam também. Eu fazia muita coisa, as roupas eram fáceis de fazer. Qualquer um podia fazer, o negócio era fazer o carão, a minha preocupação era fazer a cara bonita, porque a cara estando bonita já arrasava com a bicharada.*

*Num determinado momento começou a ter um desfile, que tinha as finas e as caricatas. Eu não lembro bem dessa parte do desfile, porque depois a gente começou a ir lá pra boate, pro Baile dos Enxutos. Porque nós fizemos o baile dos Enxutos, o baile gay, começou conosco, uma turma. Nós começamos o Baile dos Enxutos lá, aí a gente não foi mais pro Roma, nós íamos lá pra Beiramar pro Baile dos Enxutos. Na Dizzy, o Baile Gay. Botamos o nome do Baile Gay de Baile dos Enxutos.*



*O Roberto Kessler que fazia os desfiles aqui, ele que fazia a apresentação da bicharada. Ele que fazia, ele que chamava. Ele se produzia também, bem bonito, sabe? Ele era maravilhoso, ele era um apresentador, assim, espetacular. Ele que apresentava. Era muito divertido.*



Roberto Kessler no Roma. Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Depois a gente se afastou um pouco porque enchia demais. Cheio, gente era uma loucura! Mal dava pra gente entrar, não dava pra gente entrar nem no bar, se a gente quisesse alguma coisa não tinha como entrar, de tão cheio que estava. Imagine, vinha até gente do Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, a bicharada vinha tudo pra cá. Eles gostavam muito porque era uma festa gostosa e não tinha briga, raramente tinha uma briga, era muito difícil. É porque acho que a gente tudo fazia pose, né? Ficava tudo fazendo pose... era muito engraçado, era muito divertido. Se tivesse uma filmagem, pena que não foi filmada na época, a gente ia rir muito.*

*Aquele hotel ali enchia de pessoas que vinham de Curitiba, especialmente, e se arrumavam ali. Tinha umas que desciam, desfilavam um pouco uma roupa, iam lá, trocavam... mas tudo uns dragãozinho. Tinha muita caricata interessante. Assim, de bom gosto, sabe? Foi uma época muito divertida, muito gostosa pra mim, eu tenho*

*lembranças muito boas, porque isso faz parte da vida da gente. Isso aí é uma coisa que você guarda na memória, então é muito, muito gostoso.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Meu amigo Renato, ele gostava de gin. Ele tomava só gin. E a bicha tava bem mamada. Bem mamada, bem... Aí passou um bofe muito bonito, ela mexeu com o bofe e deu uma virada, caiu. Olha, a gente foi pro hospital, bateu aqui com um paralelepípedo. Abriu, fez uma abertura aqui dentro. Aí fomos pra casa, dá-lhe a botar gelo, gelo, gelo, aí de manhã cedo fomos ao hospital. Aí levamos ele no hospital. Meio do carnaval. Já tava calmo, já tava mais calmo, aí passou, cicatrizou. O médico disse que não precisava... - O que é que você fez, Ailton? - Dr., só botei gelo. Só botei gelo e cicatrizou. O Sr. não vai dar nem um remedinho aqui pra ele? Não, não precisava.*

*Participavam famílias da comunidade, aliás, participavam famílias inteiras! Eu quando saía vestido de mulher as clientes vinham tudo me ver. Nas escolas de samba, que eu desfilei escola de samba também. Uma vez eu fiz uma baiana linda! Linda! Uma baiana, saí de baiana assim . Linda... só que eu nunca vi a minha fotografia... Ai, linda. Eu saí na Copa Lord de baiana. Eu conheci uma pessoa do Rio de Janeiro que fazia a fantasia. Já faleceu. Meu Deus, já faleceram tantos! Ele fazia umas fantasias muito bonitas, e ele fez essa fantasia pra mim, uma fantasia que eu desfilei no Clube Doze, tirei em segundo lugar. Olha só o nome: Esplendor da Broadway! Era assim, era um macacão de escama peixe e atrás tinha umas duzentas plumas.*



*Das caricatas eu não gostava. Eu queria ser mulher. Mulher simples, do povo. Só com o carão, mas simples. Do povo. Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)*

*Eu me afastei do Carnaval quando eu sofri um acidente, eu levei um tiro na minha casa. Aí eu me afastei totalmente do Carnaval, aí não quis mais saber. Inclusive naquela semana era a semana do carnaval. Aí eu me afastei totalmente do Carnaval, aí eu não quis mais saber de carnaval. Foi em 1990, mais ou menos por aí, que eu sofri esse acidente, então eu tirei o carnaval da minha vida.*

*Já estava uma coisa bem numerosa, bem numerosa mesmo, o Roma. Tinha palco montado, já era uma festa que fazia parte do carnaval, já era do calendário do Carnaval, o Roma. Já estava oficializado e todo mundo vinha, como eu falei, vinham pessoas de fora, gente do interior do estado, e de outros estados também. Porque todo mundo gostava, porque gay é alegria em inglês, quer dizer, o gay é alegre. Isso que é importante, a alegria, trazer alegria pras pessoas. Não só pra si, mas pra todos que estão ali naquele centro, que fazem parte desse contexto. Mas era fantástico, só voltando o tempo, porque era muito, era muito divertido.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*Agora tinha aqueles, o Paulinho, que saía bonito e voltava bonito. Eu não, eu saía com sapato quebrado, todo desmontado. Porque aí eu me divertia mesmo, eu bebia tudo, bebia tudo que tinha, sabe? Tudo que tinha eu bebia. Eu arrumei muito o Paulinho, penteava sempre ele. Eu maquiava só o Paulinho. As bicharadas são chatas. Não. Ah, não, não! Ih! Quero distância! Queria distância deles, não. Amigos, amigos, mas falar de serviço, não. Não dá, não dá. Eu só gostava de me maquiar, maquiava meus amigos que vinham de fora, um ou dois eu maquiava, o resto... vinha um outro amigo nosso, o Luiz, que também saía conosco e era maquiador, maquiava muito, muito bem, o Luiz. Ele maquiava o pessoal todo, mas eu não maquiava não, só gostava de maquiar as madames no salão, a bicharada, não. Só o Paulinho. E ele sabe se maquiar, o Paulinho, também. Ele dizia assim "ai quero maquiar só um fumêzinho". E eu dizia: - Só um fumêzinho não dá, né? Tu tem cara de homem, como é que vai fazer só um fumêzinho?"*



Paulinho no Roma. Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

*O salão ficava virado. Bebia, já. Na Arcipreste Paiva, tinha um bar ali em frente, Gruta de Fátima. Eu mandava buscar bebida lá. Ela mandava bebida. Eu só da janela do primeiro andar. Ela mandava bebida, depois do Carnaval eu pagava a conta. Às vezes era até melhor a festa antes do que a festa, porque a preparação era tão contagiante.*

*Aí eu queria botar o sapato, a gente usava uma meia Kendall, pra ficar uma perna linda, e a meia arrastão. Aí eu botava o salto alto pra já me sentir mulher. E ia me maquiar. Já sentir a encarnação da mulher. É, a vida da gente é um teatro! Ainda mais a nossa, dos gays. Porque tu vais incorporando aquele personagem, e tu vai te maquiando, eu sou muito detalhista, maquiava de longe, via os efeitos, fazia caras e bocas. Era realmente muito gostoso.*

*Foi uma parte da minha vida que eu agradeço a Deus, que foi muito boa mesmo. Porque é muito bom você viver. Viver de acordo com a sua cabeça, não prejudicando ninguém. E carnaval, o quê que é? Carnaval é uma alegria pra todos, é uma coisa boa, que faz você botar pra fora as coisas negativas. Naqueles dias ali você não pensa em nada ruim, só pensa em se divertir, em beleza, em se produzir. No outro dia eu ficava imprestável, porque misturava um monte de bebida, meu Deus! Aí tinha que tomar chá, tinha que tomar Engov, fazia um coquetel, pra no outro dia montar novamente. A memória disso tudo, ela é muito importante.*



Frame do vídeo de Carlos Eduardo Valente e Dominique Fretin (1997)

**Anexo**

Entrevista com Edison Andrino, Prefeito de Florianópolis de 1985 a 1988, e Décio Bortoluzzi, ex-servidor da Fundação de Cultura de Florianópolis Franklin Cascaes

[Turnes] Então vamos começar por esse começo...

[Andrino] Deixa eu fazer uma retrospectiva, porque o Roma já existia, mas porque que virou o Coreto do Roma. Eu cheguei na Prefeitura em 86, e as arquibancadas do carnaval... vocês não são daqui, né?

[Turnes] Eu sou daqui. [Andrino] Ah, tu é. Ela não. Elas eram montadas atrás do Mercado Público Municipal, montava uma empresa que era o Kobrasol, como eles não acreditavam muito na questão da Prefeitura de dinheiro, você tinha que pagar adiantado pra montar, e depois já tinha que pagar adiantado pra desmontar, e fechar uma das avenidas mais importantes da cidade, que era a Paulo Fontes. Então quando eu cheguei na Prefeitura já no início 86... Bom, esse ano vai ter Carnaval, ano que vem vamos mudar isso tudo. Primeiro que era prefeitura sozinha que bancava o carnaval. As televisões bancavam o Bola Preta do Rio, mas pro Carnaval de Florianópolis ninguém dava dinheiro. E aí eu disse, olha o ano que vem vamos montar a passarela, vamos definir as arquibancadas da passarela, mas não vai ter Carnaval da maneira que é, assim, de dinheiro. A Prefeitura não tinha, eu vivia às mínguas de dinheiro, pra funcionário público, creche e tal. Aí durante o primeiro ano de 87 a gente fez um seminário pra discutir o carnaval da cidade, trouxemos as maiores autoridades de carnaval do Brasil.

[Décio Bortoluzzi]: Fernando Pamplona, Plínio Pinheiro...

[Andrino] Rio de Janeiro, trouxemos todo esse pessoal. [DB]: Fernando Pamplona era o grande carnavalesco do Rio de Janeiro.

[Andrino] Fizemos o seminário e em seguida o André Schmidt, que era o Secretário de Turismo, que era um cara muito talentoso e criativo, ele criou, ele desenhou uma passarela lá onde é que é hoje. E aí nós transferimos a passarela, e oferecemos pras



Escolas de Samba, pra elas fazerem eventos, pra ganhar dinheiro pra se manter. Aí todo mundo tava acostumada a receber grana, daí "ah, ninguém vai entrar nessa". E aí quando chegou no ano, como prometido, não tinha dinheiro pra fazer o carnaval, de desfile, e resolvemos fazer um grande carnaval de rua. Foi aí que virou esses Coretos que Décio fala. Tem um Coreto no Mercado, um Coreto ali perto da Praça XV, o outro do lado ali do Museu Histórico, um aqui na frente da Catedral, e o outro lá no Roma. Que aí o Roma [inaudível] ... tradicional, da noite, não tinha essa questão de gay, aí nós montamos o Coreto e virou tudo isso aí, que ele pode dizer...

[DB] E aí tem a coisa do DETRAN também, "nós não podemos fechar", porque a gente fechou aquele entorno tudo ali, "não podemos fechar isso aqui", discute aqui, discute lá... nós vamos começar o Carnaval no Roma às 5 horas da tarde, todo dia. Aí 5h fechava o trânsito e aí, sabe um coretinho de Praça mesmo, bonitinho... com a banda do Mazinho, que chamava Feijão Maravilha, só samba e marcha, só samba e marchinhas. Foi um sucesso, porque hoje se escuta essa coisa aí de rock, de rap.

[Turnes] Ah sim, era música de Carnaval mesmo.

[DB] Só a música de Carnaval mesmo, então foi um grande sucesso.

[Turnes] Mas aí já tinha os desfiles... o senhor falou que já tinha os desfiles no primeiro ano.

[Andrino] Não, não. [Turnes] Tinha só o pessoal vestido.

[Andrino] Mas era na cidade inteira, quando você botou a passarela ali, o camarote, a passarela, é que virou o atrativo para isso tudo. Isso em 87, só para termos uma ideia o clube mais famoso da cidade, o mais importante, era o Clube Doze. Eu tava no gabinete de tarde, uns dois dias antes de sexta-feira, que era a primeira noite de baile, o Presidente do Clube foi me visitar eu me dava bem com ele e tal. Tinha até uma afinidade pessoal. Chegou lá e disse: - Prefeito... Não, ele não me chamava de Prefeito: - Ô Edison, tu não vai botar o coreto de gay na frente do Doze, né?

[Turnes] Ele falou isso?

[Andrino] "Putz, vai difamar família florianopolitana...", havia um certo preconceito. Isso foi 87, faz o quê? Uns trinta e ... 36 anos. E aí eu escutei "não pode fazer isso", escutei e tal, disse que eu ia pensar e acabamos botando o coreto...

[Turnes] Mas então existia os gays que se montavam e frequentavam ali na frente do Roma no Carnaval.

[Andrino] Não tinha estrutura, não.

[DB] Era o Bar do Roma com movimento de noite, de gente.

[Turnes] Frequentava muito jornalista, músico, artista...

[Andrino] A região ali, era perto da Kibelândia também, que era um lugar...

[DB] E aí se resolveu, vamos botar um coreto pra sair também um pouco, que era tudo em torno da Praça o Carnaval, tanto de rua, como de escola de samba, carro alegórico, era tudo...

[Andrino] Tudo em volta do jardim aqui.

[DB] E você resolveu do Roma pra sair um pouco daqui, que foi o acontecimento que aí descia gente aqui na praça, e ficava povo até 5, 4 horas da manhã...

[Turnes] Na verdade a ideia foi usar um espaço que já existia, já existia digamos uma tradição, né? De boemia...

[Andrino] E por incrível que pareça, a rua mais movimentada nos dias (de Carnaval), passou a ser a Fernando Machado aqui.

[DB] E é ali que montamos a passarela... uma passarela pro pessoal vestido de mulher, passavam por cima, pra bater foto, pra fazer uma onda.

[Turnes] A passarela ficava na Fernando Machado?

[DB] Não na frente do Roma...

[Andrino] Não, ficava no final da Fernando, mas tinha uma de desfile também que ficava na Hercílio Luz. Inclusive o governador de 87 era o Pedro Ivo, que era muito formal, né? Porque era de origem militar e tal. Botei ele pra desfilar lá em cima da passarela dos

viado ali ... E ele olhou pra mim... e ele tava de terno no carnaval, e eu peguei ele e desfilamos em cima, junto com os gay todos ali.

[Turnes] E depois durante a sua gestão evoluiu isso...

[Andrino] E depois continuou também, eu saí da Prefeitura, e depois continuou...

[DB] Aí fizeram o Baile Gay depois...

[Turnes] Depois virou o Pop Gay.

[Andrino] Aí virou o concurso...

[Turnes] Mas depois da sua gestão já tinha um desfile mais organizado assim, não?

[Andrino] De gay? Não, não....

[DB] Mas o carnaval pra mim sempre, o carnaval sempre em Florianópolis foi o Carnaval de Rua. Aonde atraía gente que vinha do Rio, de São Paulo, porque era um carnaval ainda espontâneo. A Felipe Schmidt toda com os blocos pela rua, tinha muito boteco, muito botequim, hoje o carnaval de Florianópolis tá resumido por isso, nós não temos mais um botequim que reunia uma turma pra fazer um som na frente. Esse é o Bar Petit (hoje o Bar do Noel, na Travessa Ratcliff). Esse era um dos Bar tradicional do carnaval, que perdeu. Botequim é outra coisa. Nós tínhamos o Bebe Água, o Roda Bar, o Petit, o Roma, Universal, tudo isso na Praça (XV). Uns na Tiradentes outros na João Pinto. E aí cada bloco saía, tem aí esse bloco aí a cachorrada...

\*\*\*

[Turnes] O próprio Carnaval do Roma atraiu muita gente de fora pra esse carnaval. A gente tem imagens de vídeo do começo dos anos 90, que é tomado aquele hotel ali na frente cheio, muitos gays vinham de São Paulo, do Rio, se vestiam ali.

[DB] Aí já é outra coisa.

\*\*\*\*\*

[DB] Nosso carnaval hoje é o Berbigão do Boca, é o único, que sai uma semana antes, o resto perdeu...

[Turnes] O próprio Carnaval do Roma, isso que vocês falaram de já aproveitar na cidade um espaço que já existia uma tradição pra implantar uma coisa mais organizada no Carnaval, o próprio carnaval quando saiu dali, quando fizeram aquela palco maior, virou o Pop Gay, e foi lá pra frente do Palácio lá embaixo, e agora aqui no Mercado também acabou... acabou aquela coisa espontânea, já não é mais aquilo...

[DB] Do Roma o que a gente fez foi espontâneo, era um coreto pequeno, um sambão das cinco da tarde até 4, 5 horas da manhã. Sambão e Marchinha. Muito vendedor, muita gente chegando, e outro bom acontecimento também que agente fez no Mercado chamava Fundo de Quintal.

\*\*\*\*\*

[DB] Nosso carnaval na época do Edison começava  
essa hora, nos coretos, com Marchinha, com samba...

[Andrino] A importância dos coretos é que você valorizava muito os músicos daqui, pessoal de Escola de Samba.

\*\*\*

[Turnes] E o carnaval do Clube 12, que tinha aquele Baile Municipal, que era bem conhecido, o mais luxuoso, e era na frente do Roma. Tinha alguma história, tinha um conflito?

[DB] Aí misturava tudo, foi na época que o presidente (do Clube) pediu pra não fazer...

[Andrino] Nunca me esqueço: "Você vai difamar a família florianopolitana?"

[Turnes] E, ao contrário, as famílias adoravam ir no Roma ver as pessoas montadas.

[DB] Saíam do Carnaval do 12 pra ir ali.

[Andrino] E no final até o presidente do clube foi, todo o mundo se divertiu ali.

[Turnes] Quando fizeram o palco grande maior, que ficava bem na frente do Doze mesmo, tinha show nacional, aí já era o Pop Gay, já tinha o nome desse evento...

[Andrino] E o Clube também tinha as tardes, os bailes infantis, e havia aquela preocupação "cheio de gay ali" aquela coisa...

[Turnes] Preconceito.

[Andrino] ... foi "ah, vai incomodar demais isso aqui", no final não incomodou nada, todo mundo se divertiu.

[Turnes] Esse é um relato que todo o mundo faz, que era bem familiar, que as famílias levavam as crianças pra ver as performances das pessoas vestidas.

[Andrino] No final quando tinha, eu já não era nem mais prefeito, tinha o desfile dos gays, era um desfile nacional, vinha todo o mundo do Brasil inteiro, a cidade inteira ia ver ali.

[Turnes] Aquele hotel que ficava lotado, a gente tem imagens, durante o Carnaval do Roma, o hotel cheio, as pessoas nas janelas, imagens bem bonitas do início dos anos 90, e a gente tá recolhendo esse material todo...

\*\*\*\*\*

[Andrino] Quando eu cheguei na Prefeitura era (o Carnaval) atrás do mercado, só que era uma dificuldade danada financeira e a gente resolveu no segundo ano não fazer mais ali, aí a gente botou a passarela lá que criou aquela estrutura. Aí pra compensar, porque o povo queria carnaval, a gente não tinha dinheiro era para dar pras Escolas, porque era muito dinheiro e quem bancava era a Prefeitura. Eu estava com dificuldade de salário pra pagar, creche, uma porrada de problema da Prefeitura e eu não ia jogar dinheiro da Prefeitura nas Escolas de Samba. Foi aí que a gente pensou em compensar e fazer um grande carnaval de rua, foi aí que surgiu o Coreto do Roma também.

[DB] A imprensa metendo o pau...

[Andrino] Tomei porrada porque eu tinha um problema com a RBS, que eu nunca de dinheiro pra eles, e eles começaram a me massacrar, que ia dar quebradeira da cidade, daí eu liguei pro diretor e disse que eu ia responsabilizar ele, foi um bate-boca eu com a direção da RBS, e aí fizemos o que pra mim foi o melhor Carnaval de Rua, que foi o de 87, no primeiro ano do Roma.

\*\*\*\*